



PESQUISANDO ATRAVÉS DOS ENCONTROS: CONEXÕES ENTRE ARTE E EXPERIÊNCIA

AMANDA HARTWIG DE HARTWIG¹; GIOVANA FAGUNDES LUCZINSKI²

¹Universidade Federal de Pelotas – amanda.hartwig18@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – giovana.luczinski@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe-se a falar sobre a metodologia de pesquisa adotada no Laboratório de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Existencial (*Epoché*), suas repercussões e sua jornada em tempos de pandemia. O grupo *Epoché* começou em 2019, a fim de divulgar e exercitar o modo de pesquisa na perspectiva fenomenológico-existencial. Esta consiste em uma das principais abordagens teóricas dentro da psicologia, tendo como foco o estudo dos fenômenos humanos, historicamente situados, analisados a partir da relação entre subjetividade e cultura (MERLEAU-PONTY, 1973).

As produções do grupo *Epoché*, até então se deram em dois ciclos: o primeiro, ocorrendo em 2019, enfocou o campo da experiência, contando com a parceria da professora Karine Szuchman. Neste período foi constituído o projeto de pesquisa: “O conceito de experiência como dispositivo de formação”. O segundo projeto, no ano de 2020, aborda o tema “Psicologia, Fenomenologia e Arte: caminhos para a construção da experiência”, aprofundando o percurso anterior. Esta proposta objetivou trazer as animações japonesas dos *Studios Ghibli* para o grupo de estudos, como disparador para aprofundar a noção de experiência e o processo de criação dentro da abordagem psicológica adotada.

Tal projeto tem os seguintes objetivos: retomar o conceito de experiência em suas dimensões de sensação, reflexão, contemplação e de assimilação dos fenômenos vividos; trabalhar as aproximações entre arte e fenomenologia, através da análise das animações selecionadas; estudar metodologias fenomenológicas, como a redução (*epoché*), e a Versão de Sentido (AMATUZZI, 2001). O presente resumo visa discutir a metodologia de condução do grupo de pesquisa, na abordagem fenomenológica e seu projeto atual. Nesse processo, almeja-se experimentar-transmitir a vivência da fenomenologia enquanto método de estudos, pesquisa e criação.

2. METODOLOGIA

Adaptando-se ao contexto pandêmico atual em que vivemos, os encontros do grupo passaram a ser virtuais, através de um serviço de comunicação de videochamadas. Com frequência semanal e duração de duas horas, cada encontro abarcou um filme e um artigo ou capítulo de livro a ser comentado. De forma a exercitar a metodologia fenomenológica de investigação, foi adotado o uso da Versão de Sentido como ferramenta metodológica. Trata-se de um instrumento fenomenológico-existencial criado por AMATUZZI (2001), na década de 90. Consiste em um relato experiencial escrito ou narrado por seu interlocutor, de forma que sintetize para este o que fez sentido em determinada situação. Tem sido utilizada nas supervisões de estágio clínico nas abordagens humanistas, mas é recomendada



para qualquer tipo de orientação teórica (BORIS, 2008; COSTA, MATEUS, SANTOS, 2012; VIEIRA et al., 2018;).

Para fazer uma Versão de Sentido, é necessário que seu(sua) autor(a) escreva livremente sobre determinado assunto logo após entrar em contato com este, de preferência o mais rápido possível (AMATUZZI, 2001). A partir da leitura e discussão sobre essa ferramenta, foi sugerido aos estudantes que realizassem suas Versões de Sentido após os encontros e, de forma facultativa, compartilhassem com colegas e professora.

Além da Versão de Sentido de AMATUZZI (2001), outros teóricos e conceitos auxiliam nos debates dos encontros, como os já citados anteriormente. Através dos passos metodológicos propostos por FORGHIERI (2001), destacando principalmente a redução fenomenológica, é possível analisar o impacto dos materiais e mídias selecionados na subjetividade de cada um, contribuindo para a fomentação de conhecimento entre o grupo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escolha das animações dos Studio Ghibli foi endossada pelo grupo de pesquisa, ao constatar que tais filmes se opõem à uma maneira acelerada, imediatista, racional e objetiva de viver proposta pela sociedade ocidental ultramoderna. Nesse sentido, reforçam a crítica à indústria cultural, que desempenha um papel fundamental na formação de modelos a serem reproduzidos, como citado por diversos pensadores (BASTOS, 2019; BAUMAN, 2008; LIPOVETSKY, SERROY, 2015).

O pilar que sustenta tal ideia é de que as animações japonesas são pensadas para um público geral, e não apenas voltadas para o infantil (BASTOS, 2019). Desta forma, a qualidade estética e narrativa se comunica com qualquer um que esteja aberto a experienciar sua manifestação. Além disso, os mesmos animes do estúdio se utilizam de uma técnica chamada de “*pacing*” (PINTO, REINALDO, 2019), onde o próprio filme provoca um momento de contemplação e acolhimento do silêncio, este último sendo extremamente importante para as teorias humanistas, como por exemplo a contemplação fenomenológica encontrada em escritas de AMATUZZI (2001) e BUBER (2001).

Observou-se que o método da Versão de Sentido foi uma ferramenta eficaz para o processo de compreensão dos fenômenos analisados pelo grupo, sendo bem aceito pelos estudantes, de forma que muitos compartilharam seus escritos. Expressões como “o que fica para vocês desse encontro?”, “o que fez sentido para vocês neste encontro?” e “como foi este encontro para vocês?” foram usadas pela professora, a fim de provocar o início da escrita.

Uma ampla variedade de assuntos surgiram durante os encontros, passando pelos mais diversos temas, despertados pela criatividade dos participantes. Tamanha criatividade e afinidade pelas pontes entre os assuntos acabou gerando a apresentação de quatro trabalhos no SIIEPE, dialogando com a dimensão da experiência na perspectiva fenomenológica ou com a arte, em algum nível, no campo da iniciação científica.

Especula-se duas possibilidades para o movimento de criação destes saberes específicos: a primeira se baseia na potência dos filmes escolhidos, que ao entrarem em contato com tantas subjetividades singulares acabam transformando o diálogo em uma experiência de profundo conhecimento, de si próprio, do outro e das teorias. A condição de impactar-se e afetar-se, pode ocorrer entre pessoas ou obras de arte,



causa um movimento, onde nos transformamos (LUCZINSKI, ANCONA-LOPEZ, 2010).

Acredita-se também que os encontros do grupo vão além do significado comum da palavra “encontro”, entrando na definição existencial-fenomenológica onde “encontro” quer dizer estar presente para/com o outro e consigo mesmo. Ainda de acordo com BUBER (2001), os diálogos produzidos no encontro são atualizantes e transformadores, onde ninguém sai da mesma forma como entrou, tomando contato com suas próprias subjetividades e criam, mesmo sem perceber, novas formas de existir, de ser (LUCZINSKI, ANCONA-LOPEZ, 2010). A partir de uma perspectiva rogeriana, VIEIRA et al. (2018) indica que a ideia de estar presente equivale a estar disponível, aceitar as diferenças do outro e abraçá-las. Estas diferenças se referem à singularidade de cada um, que significará suas próprias experiências de forma única, mas não limitam a potência da união e da presença de todos. Contando com a presença e o afeto de cada um, constrói-se um apoio mútuo entre o coletivo, que os impulsiona a seguir em frente tanto em busca do conhecimento quanto do desvelar das relações.

4. CONCLUSÕES

A junção das características citadas resultou em um grupo de pesquisas empático que acolhe a totalidade de seus membros, escutando sem julgamentos morais ou posturas dualistas, produzindo um ambiente seguro de troca de afetos e de conhecimento. Isso foi potencializado pelo recurso à dimensão da arte sensível das animações, junto aos conhecimentos teóricos discutidos, provando a importância da pesquisa e de seu processo contínuo.

Conclui-se que a ferramenta da Versão de Sentido é extremamente potente para acessar e analisar afetos e as experiências, tanto em grupos quanto individualmente. Ressaltamos a importância de produzir mais trabalhos acadêmicos que abordem este tema no âmbito da pesquisa, para além da supervisão clínica, comprovando sua versatilidade.

Nota-se também a possibilidade de trabalhos, principalmente na área das ciências humanas, que conversem com a arte das animações japonesas. A pouca bibliografia encontrada fazendo conexão entre as duas áreas desperta o interesse de vários estudantes do grupo, indicando os futuros trabalhos que poderão ser construídos. Autores da teoria fenomenológica-existencial MERLEAU-PONTY (1973), ou da Teoria Crítica, como WALTER BENJAMIN (1987) são apostas para futuros trabalhos sobre a temática, devido suas obras que conversam com a arte.

Sob circunstâncias tão infelizes quanto uma pandemia global, o grupo aprende a lidar com ferramentas novas, mantendo o carinho e a empatia, aprimorando os conhecimentos teóricos e ansiando pelo momento onde os risos e sorrisos vistos e ouvidos através de telas poderão ser presenciais novamente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATUZZI, M. M. **Por uma Psicologia Humana**. Campinas: Editora Alínea, 2001.

BASTOS, L. Do Estático ao Animado: a diferença na trajetória do cinema de animação americano para o japonês. In: **XLII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 42, Belém, 2019. Anais eletrônicos... Intercom –



Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Belém, 2019. Acessado em: 8 mai. 2020. Online. Disponível em: shorturl.at/dgtW6

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, volume 1).

BORIS, G. D. J. B. Versões de sentido: um instrumento fenomenológico-existencial para a supervisão de psicoterapeutas iniciantes. **Psicologia clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 165-180, 2008. Acessado em 15 set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/11.pdf>

BUBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2001. 8 ed.

COSTA, A. C.; MATEUS, I. A.; SANTOS, G. F. A versão de sentido na clínica gestáltica: um relato da apreensão do método pelo psicoterapeuta iniciante. **Revista Expressão Católica**, Quixadá, v. 1, n. 2, p. 35-45, 2012. Acessado em 20 set. 2020. Online. Disponível em: shorturl.at/bszWZ

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa. São Paulo: Pioneira, 2001.

LIPOVETSKY, G; SERROY, J. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. Companhia das Letras, e-book, 2015.

LUCZISNKI, G. F.; ANCONA-LOPEZ, M. A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. **Revista Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 27, n. 1, p. 75-82, 2009. Acessado em 16 set. 2020. Online. Disponível em: shorturl.at/opCEF

MERLEAU-PONTY, M. **Ciências do Homem e Fenomenologia**. São Paulo: Saraiva, 1973.

PINTO, F. M.; REINALDO, G. F. Chihiro e Viagens de Trem: Espaços Intervalares na Cultura Japonesa. In: **XXI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE**, 21, São Luis, 2019. Anais eletrônicos... Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, São Luis, 2019. Acessado em 8 mai. 2020. Online. Disponível em: shorturl.at/jABKV

VIEIRA, E. M. et al. Versão de sentido na supervisão clínica centrada na pessoa: alteridade, presença e relação terapêutica. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 10, n. 1, p. 63-76, 2018. Acessado em 15 set. 2020. Disponível em: shorturl.at/fzKPZ